

# Heróis do Juruena

ADALBERTO HOLANDA PEREIRA

*Pesquisador do Museu Rondon —  
Univ. Fed. de Mato Grosso*

Em 1902, o inglês Mr. Alex Rattray Hay fundou na Grã-Bretanha, a Inland South American Missionary Union (ISAMU),<sup>1</sup> sendo uma das finalidades principais evangelizar as povoações do interior da América do Sul, principalmente as indígenas.

Neste mesmo ano da fundação já exerce atividade no Paraguai. Em 1913, volta-se também para a conversão dos índios do Brasil. O missionário inglês Henrique Whyttington, acompanhado de outros da mesma nacionalidade, funda a primeira missão permanente entre os Terêna, no Bananal.<sup>2</sup> Sete anos depois, foram expulsos dali, acusados de instigar os índios contra as autoridades do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 1925, missionários norte-americanos, ainda da ISAMU, retomam as atividades no Bananal. Penetraram em seguida nos Guaikurú e Boróro.<sup>3</sup> A ISAMU planeja então uma missão entre os Nanbikuára.

Em maio de 1924, partem de Corumbá, os Revdos. norte-americanos Alex Rattray Hay, L. Legtero e Arthur F. Tylee, com três tropeiros brasileiros, seguindo a linha telegráfica de Rondon, a fim de explorar o território dos Nanbikuára e escolher o local da Missão.<sup>4</sup> A expedição, chegando em julho a Utiariti, encontra os primeiros Nanbikuára ali, fazendo negócios. A expedição prosseguiu até Vilhena, de onde voltou. Juína foi julgado o melhor local para a sede da Missão. Circunstâncias posteriores levaram os missionários a se decidirem por um local próximo à estação telegráfica então denominada Juruena,<sup>5</sup> na margem direita do rio Juruena. Em Utiariti, resolveu recolher-se a Corumbá por outro caminho: Tapirapoã, São Luís de Cáceres e daí tomar lancha. Encerrou a viagem no dia 11 de setembro.

Em janeiro de 1925, Arthur F. Tylee<sup>6</sup> deixa Corumbá, em companhia de William R. Hunrichs, para iniciar o trabalho com os Nanbikuára. O tropeiro Felinto<sup>7</sup> já os esperava em Tapirapoã, para

---

1. "A *Inland South American Missionary Union* era uma entidade anglo-norte-americana que teve uma existência muito curta, de menos de dez anos. Cindida em dois grupos, tomou as seguintes denominações: *New Testament Gospel Union*, congregando o grupo inglês; e *South American Indian Mission*, representativa do grupo norte-americano — que prosseguiu no proselitismo religioso dos Terêna." (Roberto Cardoso de Oliveira. *Urbanização e Tribalismo — A Integração dos Índios Terêna numa Sociedade de Classes — Rio de Janeiro, 1968, p. 116, nota 7).*

2. Missão no Sul de Mato Grosso: não confundir com a missão da *Evangelical Union of South American (EUSA)* da Ilha do Bananal (Goiás).

3. Fernando Altenfelder Silva. *Mudança Cultural dos Terêna*. Revista do Museu Paulista. Nova Série. Vol. III, p. 285, São Paulo, 1949.

4. "Conheci muitos missionários e apreciei o valor humano e científico de muitos deles. Mas as missões protestantes norte-americanas que procuravam penetrar no Mato Grosso central, por volta de 1930, pertenciam a uma espécie particular: seus membros provinham de famílias camponesas do Nebraska ou do Dakota, onde os adolescentes eram criados numa crença literal no Inferno e nas caldeiras de óleo fervendo. Alguns se tornavam missionários como quem faz um seguro. Assim tranquilizados quanto à própria salvação, julgavam não precisar fazer mais nada para merecê-la; no exercício de sua profissão, mostravam uma dureza e uma desumanidade revoltantes." (*Tristes Trópicos*, p. 308).

5. Em 1929, Rondon mudou o nome da estação telegráfica, de Juruena para Major Amarante, em homenagem a Emanuel Silvestre do Amarante, falecido no hospital da Candelária em Porto Velho.

6. Cursou a Universidade de Besançon, onde completou o serviço militar. Cursou ainda a Faculdade de Direito de Harvard. Falava várias línguas e muito bem o português. Em setembro de 1920, entrou no Instituto Bíblico Moody, de Chicago, onde se diplomou em 1922. Aí conheceu Alex Rattray Hay, interessando-se logo pelos índios da América do Sul.

7. Homem miúdo e resistente, de voz grave, era muito estimado pelos missionários norte-americanos, dada a sua lealdade e prestimosidade. Vivera muitos anos na região, vendo a construção da linha telegráfica, tornando-se um prático de muitos expedientes.

a viagem por terra. Em 30 de abril chegam a Utiariti, onde falta mantimento. Telegrafam a Corumbá, expondo a situação. Não recebendo resposta, regressam àquela cidade.

No dia 26 de junho, Arthur casa-se com Mariana,<sup>8</sup> em Corumbá. Uma semana depois iniciam a viagem para Jurueña, onde chegam no dia 23 de outubro, acompanhados de Hunrichs e Felinto. Foram recebidos na estação telegráfica por Aquino Netto e José Leonardo Leite, ambos da linha telegráfica. O inspetor Aquino Netto, destacou um empregado da linha, conhecedor dos arredores, para ajudar na procura de um local para a sede da missão. Depois de um bom tempo, os missionários optaram por um sítio que já fora acampamento dos Nanbikuára e por isto, a sede da Missão ficou sendo chamada de Maloquinha, um pouco mais de um quilômetro a Nordeste da estação telegráfica.

Aprovado o local pelo chefe dos telégrafos, começou o desmatamento. Enquanto construíam a casa da Missão, os missionários moraram na estação. Nesse tempo, não apareceu Nanbikuára, pois correra notícia entre eles, que um empregado da linha matara o irmão do capitão. Seis trabalhadores da linha foram à aldeia do capitão, à procura de mantimento e foram mortos pelos Nanbikuára.<sup>9</sup> Talvez por causa desta mortandade não apareciam. Assim, desde a chegada de outubro até o dia 5 de fevereiro de 1926, os missionários apenas rezavam e esperavam. Por várias vezes pensaram em ir procurar os Nanbikuára, mas não foram, pelas dúvidas de não se fazerem entender que iam a eles por amor e não por vingança.

No dia 5 de fevereiro, pela primeira vez Hunrichs e Mariana vêem Nanbikuára. Armados de arco e flecha, param a boa distância da estação. Falam e gesticulam desordenadamente, desconfiados. O assunto é a matança dos empregados da linha. Ao notar que o ambiente é de paz, aproximam-se e dizem que não mataram os seis empregados da linha, mas apenas tinham visto matar, escondidos detrás de uns arbustos: quem matara fora o índio Mancel Claro. Depois de pouco mais de uma hora, os índios, contentes por não serem mal recebidos, dizem que no dia seguinte voltariam com mel. No dia seguinte, na estação, 12

---

8. Escreveu um livro, peça fundamental da nossa pesquisa sobre o heroísmo da ISAMU em Major Amarante.

9. Durante a construção da estação telegráfica em novo terreno, faltou mantimento. Jeremias, Filomeno, Raimundinho, Antônio Barbadinho, Maria, de 15 anos, irmã de Antônio e mais um foram buscar mantimentos com o capitão João, a 4 ou 5 léguas. Lá os Nanbikuára os mataram a todos, como vingança da morte do irmão do capitão. Também se diz que as mulheres Nanbikuára ficaram com medo, quando os seis brancos chegaram à aldeia.

homens e 3 mulheres mostram mel, um tanto cautelosos ainda. Fazem trocas e se vão de novo.

No dia 4 de maio, Hunrichs volta à cidade, para se casar, deixando apenas Arthur e Mariana na Missão.

Com quase um ano de Juruena, no dia 8 de setembro, mudaram-se para a nova casa, ainda não bem acabada. Fora um tempo de experiências e privações. Sentiam que até então só tinham neutralizado o choque dos índios com os civilizados. O anúncio do evangelho preocupava Arthur, dada a ignorância mútua das línguas.

Pelo dia 22 de outubro, chegam Hunrichs e sra., abastecendo a Missão. Mas em princípios de janeiro de 1927, a despensa sofre acentuada penúria e nos princípios de fevereiro, Hunrichs leva a esposa para Cáceres, por não suportar as provações de Major Amarante.

Até princípios de 1927, os Nanbikuára demoravam-se pouco: Arthur queria dar-lhes trabalho na Missão, mas não podia, por falta de mantimento, já que os índios queriam comer três vezes por dia. Era necessária muita paciência e habilidade para os índios não zangarem e ainda assim, por duas vezes, Arthur sentiu o frio do facão no pescoço, evitando a morte com o sorriso.

A suprema provação de Arthur foi a doença de Mariana. Piorava cada dia de béri-béri e malária. Até pensou que era um ataque do maligno.

Alberto Mc Dowell<sup>10</sup> chegou à Maloquinha no dia 30 de maio e assim no dia 16 de junho, Arthur e Mariana, por orientação da direção da ISAMU, partiram para os Estados Unidos, em gozo de férias. Alberto fica sozinho e tem penosas experiências com os Nanbikuára. Arthur e Mariana, por sua vez, insistem com a direção da ISAMU, para que Alberto não fique sozinho na Maloquinha.

No dia 2 de abril de 1928, o casal Hasker chega a Major Amarante. Em outubro, Alberto é chamado a Corumbá. Logo depois também Joaquim e Miguelina, adeptos brasileiros, viajam para Cuiabá e o casal Hasker continua sozinho. Entretanto, os índios continuam a visitar a Maloquinha e parecem agora mais amigos. Manoel Claro, que por dois anos não aparecia, demora quatro dias na Missão e até auxilia na aprendizagem da língua. Hasker empreita uma derrubada com o nanbikuára Germano.

---

10. Natural do Norte da Irlanda, cursou o Instituto Bíblico de Glasgow e adquiriu algum conhecimento de medicina em Londres.

Em maio, Alberto está de volta. Os Nanbikuára convidam os missionários para irem à sua aldeia. Os missionários aceitam o convite e são muito bem tratados na noite da visita.

Hasker viaja para Cuiabá e no dia 12 de julho, no Sacre, encontra-se com Arthur. Este voltava das férias, em companhia de Miudred Paulina Kratz, enfermeira, e sua senhora já trazia a filhinha Marianinha. Paulina volta para Cuiabá, com Hasker.

Apenas no dia 31 de julho, a família de Arthur chega à Maloquinha. O ambiente na estação telegráfica mudara: os antigos amigos não estavam mais e não se podia esperar, de imediato, ajuda dos novos. Miguelina morrera em Cuiabá.

José Plácido, alcunhado Cáqui, foi a Cuiabá, querendo se casar e voltou pelo fim do ano, sem ter conseguido.

No começo de 1929, no forte da temporada da chuva, a casa de palha da Missão deixa vazar água e Mariana recai com sinais de béri-béri. Em abril decidem viajar para Cuiabá, a tratamento. O nanbikuára Júlio Katunkolozu quer ir também: Arthur não sabe o que fazer. Entretanto, a filha do Katunkolozu adocece e ele desiste da viagem, por própria conta.

De Cuiabá, Arthur e Mariana rumam para Buriti, por ser ali melhor o clima. Arthur procura voltar o mais cedo possível à Maloquinha, pois Alberto ali se encontra sozinho com Cândido, filho de Joaquim Antunes e Miguelina falecida. Paulina, "mesmo sendo solteira, acompanha Arthur para a Maloquinha. Vai também, para os trabalhos domésticos, a jovem Maria Salomé Landes.

Em julho de 1930, Arthur e as companheiras de Missão chegam à Maloquinha. Encontram ali alguns índios, entre os quais, o jovem Manoel, muito doente. Manoel estava sendo tratado por Alberto fazia meses. Também alguns empregados da linha tinham trazido gripe de Cuiabá e esta se alastrou entre os índios. Alberto cortou a gripe dos índios. Manoel piorava, apesar de Paulina fazer o que podia por ele. Os índios também aplicavam seus remédios e faziam cerimônias de cura. Apareceu mais um índio doente e foi medicado, continuando em estado grave. Manoel morreu. Os Nanbikuára o sepultaram na aldeia. Alberto acompanhou o enterro.

Júlio Katunkolozu quer levar o outro índio doente para a aldeia e Arthur tenta segurá-lo na Maloquinha, para um melhor tratamento. Contrariando a insistência de Arthur, os Nanbikuára

---

11. Natural do Estado do Iowa, Mildred Paulina Kratz estudou no colégio Coe, cursou Bíblia no Instituto Moody de Chicago e fez estágio de enfermagem no hospital Autustana na mesma cidade. Era bem dotada.

amarram o doente nas costas de um de seus índios e levam o doente embora, coisa de dois dias de caminhada.

Por três meses, nenhum índio da aldeia do doente apareceu na Missão. Entrementes, o teto da casa foi reformado e também José Plácido casou com Mariquinha.

A estas alturas, os missionários da ISAMU sentiam que o evangelho não tinha sido comunicado aos Nanbikuára.<sup>12</sup>

Pela metade de outubro, Alberto segue para Utiariti, para o culto e a fim de esperar o caminhão da Comissão, que vinha de Cuiabá, com suprimentos para a Missão. Neste mês de outubro, quase cada dia, os índios do grupo do Cazuza vinham visitar a Missão.

No dia 27 de outubro, chegam os nanbikuára José Maria Taherezu e mais dois velhos, com plano de pousar na Missão. Trazem notícia de que o índio levado às costas se restabeleceu e dizem que um grande número de índios morreu de gripe, o que não era verdade. Pousam, pois faz frio e chove. No dia seguinte, vão embora dizendo que daí a alguns dias viriam alguns índios da mesma aldeia. Não deixam nenhuma suspeita.

No dia 29, Manoel Lage assume interinamente o telégrafo, substituindo a Raimundo Simões Granja, que viaja para Cuiabá em gozo de férias.

No dia 30, Manoel Lage visita os missionários, à noite. Arthur recebe-o bem e diz:

— "Sr. Lage, o sr. não precisa ter medo dos índios. Já pregamos a Cristo e lemos a Bíblia para eles. Agora não precisa andar armado, fique sem receio, porque estão missionados."<sup>13</sup>

Manoel Lage respondeu que não podia confiar nunca nos Nanbikuára e o revólver sempre podia funcionar.

Dia 1.º de novembro, sábado. Chegam os índios, que Manoel Maria prometera e vão trabalhar na estrada, entre a estação e a Maloquinha. O índio João Ladrão fica com Mariana na horta.

---

12. "Entre os Índios com certeza não deixaram fundas pegadas, si é que deixaram alguma, deixaram sim rastos e bem desoladores entre os empregados da linha telegraphica, entre os quaes se encontram alguns adeptos e não poucos indifferentes para o catholicismo." (Pe. L. Martin, Notícias da Vice-província do Brasil Central, anno III, n.º 8, p. 222, dez. 1935, Rio de Janeiro). Os missionários tinham ido ao Juruena primordialmente para evangelizar os índios. Por isto, o pessoal da linha comentava: não devemos a nossa salvação somente a Deus, mas também aos Nanbikuára.

13. Manoel Lage, testemunha ocular e com declaração escrita.

Todos parecem submissos e trabalham com vontade. Mas os índios Filipão e Caradura dizem:

— “Olhem, vocês vão morrer!”

Ainda de manhã, chega Joaquim Antunes, para passar ali o domingo.

Dia 2, domingo. Chegam mais Nanbikuára à Missão. O Capitão João visita a Missão de manhã e Júlio troca uma caça com Arthur por um machado, depois do almoço. Júlio se mostra taciturno e mal-humorado. Arthur vai à estação fazer o culto e retribuir a visita de Manoel Lage, enquanto Mariana com Marianinha e Paulina passeiam.

Os quatro, de volta, sentam-se fora da casa e José Maria se senta perto de Arthur com estranha e profunda expressão no rosto. Mariana pergunta a Arthur se José Maria está doente. Arthur diz que não. Mariana, entretanto, ainda pergunta ao índio se ele está doente. José Maria confirma que não e diz que quer beber água com mel, porque está com sede. José Maria acompanha Mariana à cozinha, bebe e vem sentar fora, sem mudar a expressão do rosto.

De tardinha Júlio ia embora. Arthur lhe pergunta se quer dormir na Missão. Júlio responde zangado que era perigoso dormir ali, porque ali é que morreu Manoel. Arthur faz ver a Júlio que Manoel chegou já doente à Missão, fazia meses. Júlio sai calado e aborrecido. É o primeiro Nanbikuára a se mostrar zangado com a morte de Manoel, responsabilizando a Missão pela morte. Os missionários não se alarmam: os índios zangavam e logo voltavam às boas.

O guarda João Rodrigues, ainda de tarde, leva um telegrama a Arthur e encontra na Missão 33 homens e 4 mulheres Nanbikuára, da margem direita do Juruena: oito tinham passado pela estação e os outros foram direto. Na volta ao telégrafo, João Rodrigues leva um bilhete a Manoel Lage: convida-o a assistir o começo da construção da estrada entre a Maloquinha e a estação telegráfica. Os Nanbikuára, para o trabalho, recebem machados, facões e enxadas. Três índios apenas jantam na Missão. Ficam para a oração da noite.

Dia 3, segunda-feira. Joaquim Antunes sai para o acampamento do córrego Roceiro, a 12 km do Juruena, muito antes do amanhecer. Seu filho Cândido ia acompanhando mas voltou do caminho. Os Nanbikuára chegam mais cedo do que de costume e são praticamente todos os adultos da aldeia, alguns ainda desconhecidos

dos missionários. Alguns parecem excitados, enquanto outros, sentados, conversam quietamente.

No café da manhã, o capitão João se senta ao lado de Arthur, para combinar a comida para o trabalho. Arthur e Cândido saem para fora. Mariana permanece sentada. Paulina, parada entre a sala de jantar e a cozinha, conversa com Mariana. Marianinha dorme.

De repente, Mariana ouve um grito misterioso e ameaçador e vê José Maria agarrar e apertar com toda a força a Paulina. Pensa que é brincadeira, mesmo assim se levanta da mesa para ajudar Paulina, mas sente os braços fortemente presos ao corpo. Vira-se e vê João Ladrão segurando. Fala e João larga. Os índios falam excitados.

Mariana pensa na filha, percebendo algo grave. Corre ao quarto da filhinha. Um índio golpeia Mariana com uma enxada no alto da cabeça, jogando-a violentamente ao chão. Mariana se levanta e ainda chega à porta do quarto. Recebe aí outro golpe e é jogada para dentro do quarto. Ao se levantar, novo golpe. Cai. Vê ainda bom número de índios entre ela e a cama da filhinha.

Mariana fica caída no chão, entre a cama e a parede. Escorre sangue pelo nariz, da boca e das feridas da cabeça. Com o tempo vai podendo se erguer e vai ver primeiro a criancinha. Parecia adormecida. Compreende, entretanto, que é o sono eterno. Sai do quarto e depara com Paulina morta ao lado da porta. Ainda tira uma flecha do corpo dela. Sai da casa atordoada. Uns vinte passos adiante, jaz prostado o marido. Cambaleando, vai pedir socorro no telégrafo. Tem novo ataque no trajeto entre a Missão e Major Amarante, mas não vê índio algum.

Na hora do ataque, José Plácido se encontrava no estívado do Mangabal, pegando água. Dois índios o atacam e se defende aos empurrões. Corre e, rodeando a cozinha da Missão, vai à própria casa. Vê, porém, que a porta se abre e lá dentro os índios vasculham tudo. Percebe o perigo e ruma para a estação telegráfica, pelo mato e mais adiante pega o carreador. Ao se inclinar, para passar entre os arames da cerca, uma flecha lhe perfura a beira do paletó. Mais tarde, ainda se encontraram flechas pelo caminho, a várias distâncias.

“Os índios matavam às machadadas e depois flechavam os corpos, as índias arrecadavam em um espécie de saco ou rede, tudo o que havia na cozinha e dispensa, pratos, caçarolas, et similia...”.<sup>14</sup>

---

14. João Batista du Dréneuf, Notícias da Província do Brasil Central, Anno II, n.º 6, p. 271.

Percebendo que o aviso chegaria logo ao telégrafo, os Nanbikuára fugiram precipitadamente.<sup>15</sup>

Manoel Lage atende ao telégrafo às 4 hs. As 5 hs. e 45 min. se apronta para sair. João Rodrigues diz que é cedo demais. Manoel Lage responde que o pastor o espera às 6 hs. Recomenda a João Rodrigues que olhe pela estação. Despacha os guardas que estão de saída para a percorrida da linha. Ordena expressamente que não deixem os Nanbikuára entrar na estação. Nesse momento ouve gritos das mulheres dos guardas, dando alarme de ataque. Compreende logo que é na Maloquinha: os índios sabiam que neste dia oito guardas sairiam para a percorrida e para despistar o verdadeiro intento, diziam que naquele dia atacariam a estação telegráfica. Sabiam que na estação receberiam tiros. Dirige-se às carreiras à Missão e depara com José Plácido, chegando com os olhos arregalados. Nem pode falar. Manoel Lage o segura e pergunta insistentemente. Por fim, José Plácido diz:

— “Deixei os índios atacando os missionários. Salvei-me por milagre. São Bom Jesus da Lapa me salvou!”

Manoel Lage manda o índio paresí João Zoromará chamar os guardas, que se encontram ainda nas imediações da balsa do rio Juruena. Convida-os para irem com ele à Missão. Os que vão com ele são apenas os guardas José Andrade, Osório de Campos, Manoel Rodrigues e Ângelo Vitorino. Armados todos, principalmente Manoel Lage, logo perto encontram Mariana andando para a estação. Quase cega, ouve exclamações e depois o seu nome. Parece escutar José Plácido, não acreditando no que escutava. Chamou-o pelo nome e ele respondeu. Manoel Lage pergunta o que aconteceu. Responde Mariana:

— “Os índios mataram todos. Não faça nada com os índios. Os meus estão com Cristo.”

Ajudam Mariana a caminhar e entrar na estação. Fazem-na deitar na cama de Manoel Lage. Este providencia algumas mulheres para tratarem de Mariana. Manoel Lage mesmo e os guardas logo chegam à Missão. Dá primeiro com duas mulheres caídas mortas. Conta catorze flechadas em Maria Salomé e doze em Mariquinha. Paulina jaz na porta da sala de jantar com duas flechas no ventre e a cabeça esmigalhada. Arthur no oitão da

---

15. O plano inicial era matar os missionários com feitiço: “Mandaram os índios por vários dias um seu feiticeiro com pauzinhos; trepado numa árvore enviava por meio dos taes páos, na direcção da casa do Pastor, esconjuros e maldições para vingar a morte do seu cacique. Vendo que os feitiços nada aproveitavam, e que elle Pastor continuava a passar muito bem, resolveram vingar o morto, indo pessoalmente fazer uma matança em casa do Pastor.” (Dréneuf, *ibidem*).

casa prostrado com sinais de quatro machadadas, tem uma flecha no espinhaço, impossível de arrancarem. Cândido, atrás da cozinha, tem uma flecha nas costas e a cabeça quebrada com pauladas. Era candidato a ir naquele ano estudar para pastor.

“Não encontrei a Marianinha, de dois anos e meio de idade. Julguei que os índios a tivessem levado. Deixei um homem como guarda e fui com os outros três em busca da criança, na batida dos índios. Foram 5 km de cerradão, só encontrando pratos e colheres que os índios iam semeando. Chegando a hora de atender ao telégrafo, deixei a caminhada para outra ocasião. Voltamos à casa da missão. Demos nova batida e o guarda José Andrade encontrou a criancinha no berço. Vi que os índios suspenderam a tampa do berço e flecharam a pequenina. A flecha entrou pelo peito e atravessou o coração e pregou a criança no leito. A menina com a mão direita pegou a flecha e virando-se um pouco para o lado esquerdo, enriqueceu.”<sup>16</sup>

Pe. Alonso Silveira de Mello, mais tarde, depois de conversar com os índios e obter relato deles, diz que foi o capitão João quem flechou Marianinha no berço. O inspetor da linha, Joaquim Netto, recolheu as flechas e depois levou para Cuiabá.

Na volta dos guardas, Mariana ficou sabendo que somente ela e José Plácido haviam escapado. Recordou alguns endereços e dirigiu telegramas. No horário das nove, Manoel Lage noticiou os acontecimentos para todas as direções. Dr. Faria, diretor do telégrafo em Cuiabá, responsabilizou Manoel Lage por toda possível represália contra os índios. Rondon, informado no Rio, telegrafou:

— “Não matar os índios.”

Estas ordens a respeito dos índios eram providenciais, porque havia da parte dos guardas um sentimento de represália.

Mariana pediu que chamassem a Joaquim do córrego Roceiro, para conversar a respeito de Cândido. Também queria que ele fosse se encontrar com Alberto, pois este, naquelas horas, deveria estar voltando de Utiariti. Joaquim primeiro quis ver o filho, antes de ir ao encontro de Alberto.

Entre oito e nove da noite, chega Alberto. Mariana escreve que as suas feridas não tinham sido nem lavadas e nem pensadas. Alberto vai à Missão buscar remédios e curativos. Chega na estação depois da meia-noite. O crânio de Mariana não tinha sido atingido: eram somente longos cortes no couro cabeludo. Desconheciam contusões internas no momento.

---

16. Declarações de Manoel Lage.

Todos esses momentos terríveis, Mariana os suportou com espírito sobrenatural, como todos os outros durante a Missão da ISAMU com os Nanbikuára.

Na manhã de terça-feira, Alberto, Manoel Lage e outros procederam ao sepultamento das vítimas, à sombra das justas-contas, ao lado da Missão.

Pelo que parece, a verdadeira causa do massacre nanbikuára, foi a morte do nanbikuára Manoel, na Maloquinha. Monsenhor du Dréneuf escreve: "Conversei (sic) em Córrego Grande, com o chauffer do caminhão da Comissão Rondon, que estava presente em Juruena na ocasião da matança: foi de facto por causa da morte do cacique que resolveram matar o Pastor e todos os que lá estavam, a 1 kilometro do porto da Comissão, onde o Pastor tinha estabelecido a sua residencia."<sup>17</sup> Escreve Lévi-Strauss: "Em 1933 (sic), uma missão protestante foi se instalar não longe do posto de Juruena; parece que as relações logo se azedaram tendo os indígenas ficado descontentes com os presentes — insuficientes, segundo se diz — com os quais os missionários agradeceram o seu auxílio na construção da casa e na plantação da horta. Alguns meses mais tarde, um índio febril se apresentou à missão e recebeu publicamente dois comprimidos de aspirina, que tomou; depois do que foi tomar um banho no rio, teve uma congestão e morreu. Como os Nhambiquara são peritos envenenadores, concluíram que o seu companheiro tinha sido assassinado: um ataque de represália verificou-se durante o qual os seis membros da missão eram massacrados, inclusive uma criança de dois anos. Somente uma mulher foi encontrada viva por uma expedição de socorro partida de Cuiabá. Sua narrativa, tal como me foi repetida, coincide exatamente com a que me fizeram os autores do ataque, que desempenharam ao meu lado, durante semanas, o papel de companheiros e informantes."<sup>18</sup>

Em 1968, nós mesmos, quando nos achávamos pesquisando entre os Nanbikuára, onde um dos principais informantes era o próprio Júlio, ouvimos esta causa de um velho índio: o Pastor Arthur pegou um trapo velho de pano vermelho, embrulhou e jogou em dois índios, que morreram dias depois. Então os Nanbikuára concluíram que era feitiço.

Os Nanbikuára passaram de 6 a 8 meses sem voltar a Major Amaranthe. Sabemos que em 1934, mataram o balseiro do rio Juruena, Lourenço.<sup>19</sup>

---

17. Dréneuf, p. 271.

18. Lévi-Strauss, pp. 276-277.

19. Mello, p. 332. Pe. Bernardo van Bergen, *ibidem*, p. 335. Pe. Lambert Martin, S. J. Carta de dez. de 1935. A Messe, março 1936, p. 85.